



Fissuras na mente silenciada: indiferença, conflito e libertação

Chirla Miranda da Costa

Professor,

Encaminho as mensagens que recebi desta amiga sobre o ocorrido na escola em que trabalhava. Aparentemente ela presenciou um dos primeiros surtos que começaram a ocorrer na região abril passado.

Mensagem 1

Caro,

Mando este e-mail para torná-lo ciente de um acontecimento recente.

Nos primeiros dias pude manter minhas tarefas como se nada tivesse acontecido, mas agora não posso mais sustentar esta calma.

Quase cinco dias se passaram desde que quatro estudantes se jogaram do prédio em construção ao lado da escola. A imagem deles em queda livre não sai da minha cabeça. Eu vi quando, de mãos dadas, lançaram-se para o monte de entulho que se tem acesso pelo muro baixo da nossa quadra de esportes.

Não houve sobreviventes.

Eram crianças que vi pelos corredores e nas salas de aula, mas nunca atentei tanto para seus rostos como nos segundos que precederam suas mortes. Nunca estiveram tão vivos como naqueles momentos finais, algo que até então eu não havia presenciado

no decorrer dos anos, em meio às dezenas de fileiras de corpos apáticos e olhares inexpressivos que vem e vão como rebanhos e que andam como se houvesse uma linha invisível sob seus pés marcando o caminho por onde devem seguir.

Pouco sei de cada uma além do que dizem os boatos. O fato é que ao contrário do que poderia se esperar a escola jamais esteve tão serena, embora, controversamente, à custa dos quatro que logo ganharam fama de loucos. Alguns professores comentaram que foi influência dos desenhos, dos jogos violentos, das condições em que viviam. Dizem os funcionários e estudantes: “De tão problemáticos só poderia ter rendido no que rendeu” ou “menos alguns para nos dar mais trabalho” e os murmúrios lançam pelos corredores palavras como: preto... pobre... filho de traficante... sapatão... gordo.. burro... retardado...

Não consigo compartilhar deste sentimento de alívio apesar de hoje ter recebido meia dúzia de sorrisos sinceros ao entrar na sala dos professores. Temo que percebam a minha preocupação.

Amigo, sinto que você é o único que pode me entender.

Aguardo resposta,

Att.,

F. K.

Mensagem 2

Não podes imaginar. Acabei de despertar de um pesadelo banhada de suor.

Se te lembras bem, não sonho, não é que dificilmente isto ocorra, simplesmente não sonho. Mas desta vez bastou que fechasse os olhos e entrei em uma sensação de torpor, podia jurar

que estava flutuando. De qualquer modo vi um dos alunos que se suicidou. Reconheci o garoto de imediato, mas a expressão aflita dele me causou calafrios. Sei que queria me dizer algo e por mais que seus lábios se mexessem e gesticulasse com todas suas forças eu não consegui escutá-lo. Levei as mãos à cabeça e então percebi que estava sem as orelhas, que a pele era contínua no lugar dos ouvidos. Deus! Então ele em toda sua agonia se desfez em um aglomerado de carne e sangue que me provocam tremores até agora.

São cinco da manhã. Estou parcialmente surda.

Caro, que diabos! Por onde andas?!

Mensagem 3

Tenho febre todas as manhãs e também antes de dormir. Os pesadelos continuam mesmo que esteja de olhos abertos. Agora vejo não apenas o garoto, mas os outros três estudantes também e estão em toda parte. Em sua morte não são simples vultos. Arrastam-se observando e acompanhando meus passos com mais vigor do que as crianças vivas que cruzam meu caminho a toda hora pelos corredores e salas. Talvez seja preciso que digam: chorrem. E eles chorarão.

Éramos nós dois assim?

Mensagem 4

Mesmo que eu não obtenha uma resposta, continuarei te escrevendo. Já não posso mais ouvir, ainda assim meus pés toda manhã me levam para o trabalho onde repito as mesmas palavras que venho dizendo por anos. Só agora percebo que nunca as disse

de coração, que são tão automáticas quanto correr da chuva. Ah, ontem a tarde choveu e fazia tempo que não desfrutava da sensação das gotas caindo no rosto. Observá-las cair fez-me imaginar aquelas crianças lançando-se para a morte com um sorriso gracioso.

Pergunto-me se não estás passando pelo mesmo que eu. Se tua situação não é pior do que a minha. Começo a imaginar que estou sozinha.

Mensagem 5

Meus pesadelos alternaram para uma sala de aula escura onde estou diante dos jovens suicidas. As paredes estão cobertas por infiltrações e rachaduras. Tudo ali está deteriorado e cheira a velho. Eles sofrem espasmos com as mãos e pés amarrados nas carteiras, as bocas costuradas, olhos sangrando. Mas há uma quinta criança, uma menina, ainda muito pequena. Ela me olha tão fixamente que sinto que a conheço há muito tempo... Acho que é capaz de ler a confusão dentro de mim. Temo que seja aprisionada como os outros da próxima vez.

Mensagem 6

Os sintomas se agravaram como eu esperava. Em uma única manhã o que eram faces se transformaram em apenas uma capa de pele que encobre a cabeça. Um a um vão mudando. O porteiro, o diretor, os demais colegas e as crianças... mesmo que não consiga distinguir seus olhos é como se me olhassem e acusassem meus pensamentos, o que é aterrorizante. A qualquer hora entro em pânico.

Uma professora nova chegou com o ar de quem quer mudar o mundo. Tão jovem. De repente me recordei de coisas tão distantes que parecem não ter ocorrido. É engraçado e lastimável ao mesmo tempo. São fragmentos de lembranças que não julgava ter vivido, talvez lembranças de outro mundo? Eu reclamava da minha incapacidade de adaptação a tantas regras, das minhas inseguranças, dos olhares tortos. Tu me ouvias com as mesmas preocupações apesar de sermos tão inexperientes. Por que envelhecemos e silenciemos nossos planos a ponto de esquecê-los?

Mas a novata não teve a oportunidade de lacrar seus planos... Eles a farejaram e atraíram para as boas-vindas tão logo tiveram a oportunidade. Aqueles monstros sem rostos certamente a atraíram para o abate. Por um momento ainda na mesma manhã a vi através da pequena janela na porta. Já não era a mesma sem seus olhos, ouvidos e boca, mas sei, de algum modo sei, que ela sorriu e eu automaticamente sorri em troca com medo de ser descoberta, porque na vidraça vislumbrei em mim o que nela fazia falta, como duas peças que se encaixam perfeitamente.

E eis a dúvida... Será uma ilusão? Será que já não sou como ela?...

Mensagem 7

Desta vez a garotinha estava de castigo no canto da parede. Quando olhei mais de perto percebi que costurava os próprios lábios encravando e atravessando a agulha e a linha na pele. Ela cessou a tortura e puxou com a ponta dos dedos pelo canto da boca um maço velho de folhas amareladas e borradas de sangue que me entregou.

O horror da cena não me permitiu estender as mãos para pegar o que me oferecia, não precisei disso para ver claramente o que alguns trechos diziam:

“O lugar para o qual irei hoje me tornará inteligente. Serei tão inteligente que criarei histórias fantásticas. Meu melhor amigo disse que aprenderá muito e ajudará a salvar vidas quando crescer.”

“Chorei tanto que fiquei com a cara vermelha. Falei que não voltaria.”

“Eles disseram que devo crescer e que agir assim não é normal. Uma boa menina deve saber se comportar.”

Meu amigo, minhas palavras de muito tempo atrás voltaram para mim. E estão ainda mais claras... Nesse tempo todo o quanto eu te deixei sofrer sozinho?

Crescemos como opostos. Fiz vista grossa aos teus pedidos de ajuda e aos meus próprios porque era da minha natureza, o meu “jeito” ser quieta demais para agir. De tanto que me falaram isso acabei assumindo como verdade. E tu me contrariavas cantarolando:

Toda esta indiferença é uma questão de autoproteção.

Quanto mais nega o coração, mais se envenena pela solidão.

Eu era mais uma desajustada e que não poderia aceitar viver como tal. Com receios demais que ao mesmo tempo me impediam de levantar a cabeça – como um cão submisso – ou que me induziam a rejeitar completamente a ser parte deles. Primeiro em casa, depois na escola, na faculdade, entre nossos amigos...

Foi um conflito doloroso por um período incontável e persiste ainda agora, porque a agonia eterna é o saldo de toda guerra.

No entanto, infelizmente em algum momento fui me rendendo e não sei quando deixei de ter ideias próprias para andar ao lado *deles*, mas aconteceu. Uma metamorfose silenciosa como quase tudo que fazem e eu estive acionando o próprio gatilho que me transformou em mais um monstro, disseminando o que me orientaram a disseminar sem olhar as entrelinhas do discurso que julgava uma verdade incontestável.

Se tu fosses mais um *deles* já teria dado um jeito em apagar estas minhas preocupações, não é? Ainda tenho esperanças que seja diferente... Que também tenhas acordado ou que nunca tenhas adormecido completamente...

Mensagem 8

Um aluno veio até mim e me disse coisas que claro, não pude entender. Ele era um dos poucos que não havia sofrido a mudança em sua face. Eu vi nele a mesma expressão aflita do garoto que veio me visitar nos sonhos após a morte. Da mesma forma aterrorizada queria me contar algo. Dias atrás, antes que minha boca se reduzisse a uma fenda mínima pela primeira vez tentei fugir do falatório de sempre, por mais que não pudesse me ouvir dizer o que queria: algo que me permitisse provocá-los e vê-los como humanos novamente.

Esse menino estava na aula. Não imaginei que poderia transformá-lo a esse ponto. Mais tarde ele e um amigo de mãos dadas se jogaram na frente de um caminhão bem nos portões da escola. Eu deveria ter ficado quieta, não é? Não mais apenas desconfiarão da minha condição.

É só uma questão de tempo.

Mensagem 9

Desmaiei em plena aula. Paralisada, sentindo que meus lábios começavam a grudar um ao outro, amparada por alunos e colegas, fui carregada para o hospital e do hospital para casa onde devo repousar segundo a orientação médica.

Fui jogada sobre a cama. Apontaram os dedos para o meu rosto, agitando as cabeças sem feições histericamente para os lados. Enfim notei que independente dos esforços nunca mais usaria minha voz para contrariá-los e eles se retiraram sem olhar para trás trancando a porta por fora. Na tentativa de recuperar os movimentos movi os braços e bati no espelho sobre a cômoda que se espantou no chão. Causei um corte profundo entre os dedos, mas ao menos consigo te escrever. Em questão de horas ficarei novamente em pé, isto é, se a febre deixar.

Mensagem 10

As mortes recentes trouxeram à tona a lembrança de mais ou menos um ano atrás. Como o rapazinho, Paulo me procurou. Paulo é o mais velho dos quatro suicidas e o que, recentemente, mais tem me rondado com suas memórias póstumas.

Também queria conversar e não tinha mais em quem confiar para relatar as noites inteiras sem que conseguisse dormir direito e tudo por que era capaz de pensar diferente dos colegas. As ideias fervilhavam em sua cabeça, brotando dolorosamente. Isto era inédito e inconcebível. Mas naquele momento eu já era um fantoche. Não que ele não soubesse, porém havia notado que como ele por vezes eu deixava escapar palavras produzidas por uma falha no

sistema que me mantinha aprisionada aquela terrível condição, bugs resultantes do constante conflito da alma.

No entanto, quando ele buscou minha ajuda o que fiz foi seguir o protocolo. Não pude corresponder a suas expectativas e segui cuidando da confecção de novos bonecos amarrados a uma diretriz que os impossibilita ser mais do que lhes foi pensado ser.

Porém, embora essas crianças ainda sejam poucas, talvez já tenham movido o suficiente para provocar um grande desequilíbrio neste mundo. Meu amigo, indo para o hospital vi fissuras nas paisagens através da janela do carro, coisas que não estavam lá. E fissuras apenas tendem a se agravar e a desconstruir os mais imponentes monumentos... Quando possível, procure-as. Não será algo fácil de esconder. Provável que já as tenha visto sem dar a atenção que mereciam.

Mensagem 11

Olho para os estilhaços espalhados pelo chão do espelho que quebrei dias atrás. No lugar de várias miniaturas da minha imagem o que vejo é um mosaico formado por pedaços de cada um dos jovens que se suicidou. É confuso, mas aprendi a apreciar sua triste beleza.

Ouvi uma por uma das crianças que se deitam ao meu lado, suas vozes soam na minha cabeça, de modo que não sei dizer se estou dormindo ou acordada. Confundo-me a elas, misturando memórias, anseios, frustrações e planos que não se concretizarão. Choram através dos meus olhos e já não sei mais quem sou... Um pouco da menina que escrevia em seu diário após ser castigada por indisciplina ou um pouco de quatro almas de histórias diferentes,

mas esta é a minha verdade agora e para defendê-la daqueles que estão a postos para nos converter em monstros, julgo que preciso me libertar.

Ah... Acho que o corte na minha mão infeccionou.

Mensagem final

Em breve as crianças virão me buscar. Não voltaremos.

Já que meus ouvidos e boca foram tapados, e logo ficarei completamente cega e impossibilitada de enxergar o que não quero que eu veja, me unirei as quatro na sala de aula que elas próprias criaram. Não há paredes ou cadeiras enfileiradas e amarras nos pés e mãos. Não sei se estamos indo para um mundo de conto de fadas, quem sabe é apenas um lugar onde não teremos medo de nos encararmos ou receio de imposições, de coisas não ditas, um lugar onde cruzaremos caminhos sem indiferença. De qualquer modo, em tributo ao tempo de moleques, será um território novo que com prazer e por nossos nomes, meu amigo, irei explorar.

Caro, estou me despedindo. Será assim antes que perca completamente minha consciência. Peço a Deus que não te deixes desfigurar, e que se já estejas enfrentando estes problemas, consiga superá-los. Tenho a fé de que seja possível e que aprendendo a superá-los ensine a outros como fazê-los.

Daquela que um dia teve sonhos e os resgatou.

...

Estas foram as últimas palavras que recebi. Minha amiga estava certa sobre a possibilidade de cura. Mas eu lamento profundamente que eu não tenha me recuperado e a alcançado a tempo.

Antes que os sintomas se agravem, sugiro que façamos uma reunião. Outros que estão sofrendo com os mesmos problemas já entraram em contato, e muitos alunos também se manifestaram em prol de nossa causa. Aguardo sua resposta e de todo coração espero que seja positiva. Nosso número aumenta e esperamos sua adesão.

Att.

E.P.

Referências

COUTO, M. Identidade. In: _____. *Raiz de Orvalho e outros poemas*. Lisboa: Caminho, 1999.

HALL, S. *Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PARAÍSO, M. Currículo e aprendizagem: relações de gênero e raça na escola. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero: Gênero e Preconceitos, 7, 2006, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2006. p. 1-8.

SILVA, T. T. da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

XI, L.; FANG, V. Clown Mask. Intérprete: Hangeng. In: HANGENG. *Hope in the Darkness*. China: Guangdong Fine Arts Music Records, p2012. 1 CD. Faixa 2.

Chirla Miranda da Costa é licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará. Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas (área de concentração Educação em Ciências), pelo Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da UFPA.